



## **Trabalhadores Desterritorializados no Centro Oeste Brasileiro: o papel do Estado brasileiro como agente desterritorializador**

**XXIX Simpósio Nacional de História - 2017**

**Opção I- ST 09**

**Opção II – ST 064**

**Opção III – ST 091**

**Profa. Dra. Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa** (UFMT- Departamento de História/Rondonópolis) – [beatriz-feitosa@uol.com.br](mailto:beatriz-feitosa@uol.com.br)

### **Resumo:**

Este trabalho é parte da pesquisa realizada para o Doutorado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. A documentação escolhida para a escrita deste texto foram as narrativas de pessoas que compõem a territorialidade da negação, pessoas que trabalham em Casas de Passagem para Migrantes na Região Norte de Mato Grosso do Sul e migrantes que estão em um território atravessado pelo traçado da Rodovia BR-163, por onde passam trabalhadores que historicamente tiveram a territorialidade negada pelos mecanismos de constituição territorial que legaram lugares sociais. Por um lado tais políticas permitiram o acesso a grandes propriedades rurais, por outro negaram o acesso à terra no período pós 1970 e na contemporaneidade os investimentos em modernização agrícola eliminou postos de trabalho. O resultado desse processo histórico foi a criação de contingentes humanos redundantes que passaram a ter a existência negada pela falta de trabalho. A estas pessoas as casas de passagem são uma das poucas opções para manterem a trajetória de itinerância pelos caminhos entre os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Casas de Passagem; Migração; Desterritorialização; Exclusão.

### **1. Introdução**

Entrando no Estado de Mato Grosso do Sul, para o viajante que vem de Mato Grosso, a paisagem e os perfumes remetem ao avanço da propriedade monocultural de cana de açúcar. O ar que envolve a primeira das cidades do Estado no sentido Norte X Sul tem o aroma de um resíduo proveniente do cultivo da cana, denominado “vinhoto”<sup>1</sup>, líquido resultante da transformação da cana-de-açúcar em álcool e açúcar.

---

<sup>1</sup> O Vinhoto também é conhecido pelos nomes **vinhaça**, **tiborna** ou **restilo**. Ele representa o resíduo pastoso e malcheiroso que sobra após a destilação fracionada do caldo de cana-de-açúcar (garapa) fermentado, para a obtenção do etanol (álcool etílico). Para cada litro de álcool produzido, 12 litros de vinhaça são deixados como resíduo. Informações disponíveis em: <https://www.novacana.com/cana/uso-vinhaca-cultura/>. Acessado em 24/01/2016.



A cidade plantada no meio do canavial é herdeira de uma história narrada pelos “pioneiros” da região como sendo de progresso, que possibilitou um avanço técnico criando paisagens monoculturais nas quais o humano praticamente inexistente.

O discurso em favor da grande propriedade exalta o formato produtivo, enquanto a redução do elemento humano que cada vez ocupa a paisagem em menor número é entendida como um efeito colateral do progresso.

Avançando pelo Estado, ainda no sentido Norte X Sul, a paisagem cansa o olhar, o cultivo monocultural primeiro de Cana-de-Açúcar e depois de soja, revela a existência dos “Desertos Verdes”, expressão que ganhou destaque nos últimos anos, especialmente nos ambientes virtuais, onde uma mídia alternativa passou a ganhar força, denunciando a existência de grandes propriedades no Brasil, com alto investimento em tecnologia, intensa mecanização das práticas agrícolas e com pouca utilização de mão-de-obra.

Entre o início do Estado de Mato Grosso do Sul até o município de São Gabriel do Oeste, no sentido Norte X Sul são 225 quilômetros de uma paisagem dominada pela monocultura, reflexo dos investimentos nesse formato de propriedade vivenciado historicamente no Brasil.

## **2. As Casas de Passagem: a voz de quem tem os discursos negados**

O estudo das condições de trabalho vigentes durante o advento da Revolução Industrial nos permite deduzir que o uso de máquinas para substituir certas modalidades de trabalho foi benéfico visto que trabalho em minas, por exemplo, usurpava dos trabalhadores a maior parte de suas existências, assim a tecnificação poderia servir para tornar a humanidade mais livre, libertando-a de trabalhos estafantes.

A mecanização agrícola que elimina o corte da cana de açúcar, atividade altamente insalubre com grande número de registros de morte por exaustão, não é o alvo da crítica proposta neste texto. A questão a ser problematizada diz respeito ao paradoxo resultante dos processos de modernização agrícola, que ao negar o trabalho, mesmo que em atividades das mais insalubres, ao invés de permitir a liberdade do trabalhador, lhe tira as condições de existência.

Os discursos de desenvolvimento e progresso, historicamente produzidos para a região, saem em defesa de um modelo de propriedade concentrador de capital, terra e renda fundamentados em uma cultura do capital. Ao perseguir a produção que se dedica a pensar e historicizar o conceito de tempo o intento foi dar visibilidade à constituição histórica de longa duração, com base nos “Estratos de Tempo”, pensados por Koselleck, ao tratar das distinções



entre tempo curto, tempo médio e tempo longo. O diálogo proposto tomando os diferentes tempos históricos como ponto de inflexão, tem como propósito a defesa de que a preocupação do historiador é sempre com o presente.

Ao afirmar que, “[...] Graças aos “estratos de tempo” podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo, um dos fenômenos históricos mais reveladores”<sup>2</sup>. A defesa feita por Koselleck é de que não há uma relação intrínseca que permite que ao estudar o passado sejamos capazes de compreender o presente e formular interpretações do futuro em um modelo de história *Magistra Vitae*, como defende Marc Bloch, por exemplo em “Apologia da História”.

O diálogo proposto com o conceito de tempo pensado por Koselleck se dá no sentido de fugir a explicações de causa e efeito e entender os mecanismos de constituição histórica ancorada na historicidade dos acontecimentos que vai construindo a dinâmica da História,

Os tempos históricos consistem em vários estratos que remetem uns aos outros, mas que não dependem completamente uns dos outros. Antes, porém, uma observação etimológica: Herder já afirmara a existência de tempos próprios e enfatizara que cada organismo vivo contém sua própria medida de tempo, criticando assim a determinação apriorística de Kant.<sup>3</sup>

O autor revela uma recorrente preocupação com o presente apresentada em “Crítica e Crise”, publicado no Brasil no ano de 1999, livro que discute o conceito de progresso no século XVIII e nos permite afirmar que o discurso de progresso que ganhou força no Brasil sob a égide do desenvolvimentismo, tem suas raízes no século XVIII europeu. Foi a partir desse período que se gestou uma sociedade construída pelo humano, que nega ao humano as condições de existência,

A tecnologia da informação sobre a superfície ilimitada do globo conduziu à onipresença de forças que submetem tudo a cada um e cada um a tudo. Ao mesmo tempo além dos espaços e dos tempos históricos, explora-se o espaço planetário, ainda que seja apenas para fazer com que a humanidade vá pelos ares no processo em que ela mesma se empenhou.<sup>4</sup>

O século XVIII é representativo das modificações que foram impostas ao mundo a partir dos ideais da burguesia, amparada nos conceitos fornecidos pela Filosofia,

---

<sup>2</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014. P. 09.

<sup>3</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Idem*. P. 20

<sup>4</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução de Luciana Villas-Boas Catelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999. P. 09.



especialmente por meio das ideias iluministas, as discussões a respeito do papel do Estado ganham força no momento em que era preciso acionar esse discurso para propor que as ações do Estado deveriam atender também aos interesses da burguesia, a classe social revolucionária do período, assim era fundamental defender a participação política do cidadão, “[...] Os cidadãos não se submetem apenas ao poder estatal: juntos, formam uma sociedade que desenvolve suas próprias leis morais, que se situam ao lado das leis do Estado”.<sup>5</sup>

A partir dessa produção discursiva que foi se fundamentando durante o século XVIII, o Estado foi sendo subordinado a uma Cultura do Capital de orientação burguesa, “[...] Estes, ao emitirem seu juízo, constituem as leis morais, como os negociantes determinam um valor de mercado.”<sup>6</sup> Para ampliar seu poder a burguesia foi minando a participação do Estado, o endividamento, a concentração do poder econômico nas mãos da burguesia foram os antecedentes de um Estado mínimo,

O déficit anual do Estado, que em 1788 cresceu para 200 milhões, transformou-se duplamente em capital moral da sociedade, justamente porque a sociedade via que seu devedor concentrava o poder político. “Quase todos os súditos são credores do senhor ... que é escravo, como todo devedor” – assim Rivarol se referia à situação inicial da época da Revolução Francesa. A sociedade, financeiramente poderosa, e o Estado absolutista confrontavam-se, sem que as tentativas de reforma pudessem suprimir as diferenças. Na interação do capital financeiro (que também era, nas mãos da sociedade, um bem moral) com o endividamento financeiro do estado (que, em virtude da sua autoridade política, dissimulava ou negava imoralmente suas dívidas) está um dos impulsos sociais mais fortes da dialética da moral e da política.<sup>7</sup>

Esta digressão ao século XVIII é uma forma de pensar a historicidade da construção do Estado, algo que diz muito de políticas que levam em conta os interesses de uma determinada classe social. A burguesia foi se constituindo como protagonista dos benefícios concedidos pelo Estado, mais que isso, minando o poder estatal pelo endividamento e crises sucessivas. As ações que beneficiaram a elite agrária brasileira são decorrentes deste processo.

Propomos aqui um diálogo *sui generis*, recorreremos aos estudos de Marx, mais propriamente do segundo volume de “O Capital”, buscando entender a historicidade da construção dessa cultura do capital, a qual Koselleck atribui ao enfraquecimento do Estado e ao fortalecimento da burguesia. Marx se ocupou dos mecanismos que historicamente foram

---

<sup>5</sup> KOSELLECK, Reinhart. Idem. P. 51.

<sup>6</sup> KOSELLECK, Reinhart. Idem. P. 51.

<sup>7</sup> KOSELLECK, Idem. P. 53.



moldando e solidificando a desigualdade social, o que para ele teria início com a chamada acumulação primitiva de capital,

O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira ao trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios sociais de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos. A chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista.<sup>8</sup>

A questão central é a sujeição do trabalhador “[...] O progresso constituiu numa metamorfose dessa sujeição, na transformação da exploração feudal em exploração capitalista.”<sup>9</sup> Sob este prisma o progresso representou ao trabalhador, ao invés de sua libertação, resultante dos mecanismos de modificação das condições de trabalho, a problemática de não ser necessário no processo produtivo, tendo-se negado o trabalho. Na nota 193, da referida obra de Marx, há uma alusão à fala de Thomas Morus, da existência de um país singular em que “as ovelhas devoram os seres humanos.”<sup>10</sup>

Tal referência à substituição humana seja por ovelhas que tomaram os campos de cultivo na Inglaterra, obrigando à diáspora dos camponeses ingleses, seja ao processo em que o trabalho oferecido nas fábricas, em substituição aos recursos que foram negados pela expulsão da terra, produz a sujeição do trabalhador, são questões que foram alvo de debate por diferentes perspectivas, dentre elas a cinematográfica, o cinema do início do século XX também se preocupou com o debate a respeito do lugar social do trabalhador, exemplo deste formato de produção é o filme “Tempos Modernos”<sup>11</sup> de Charles Chaplin.

A sujeição inicial foi paulatinamente provocando a exclusão, cuja relação com os processos de tecnificação estão imbricadas. Ao olhar para a problemática do desemprego em regiões onde a inserção de um conjunto de tecnologias no campo provocou profundas alterações no formato de produção e nas relações de trabalho rurais procuramos relacionar os processos de modernização da agricultura com a redução dos postos de empregos rurais e a consequente ampliação do número de migrantes que atravessam a Rodovia Br 163 em busca de trabalho e de espaços de sobrevivência.

<sup>8</sup> MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política: livro I. Volume I.* Tadução de Regina Sant’Anna. 27.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. P. 836.

<sup>9</sup> MARX, Karl. Idem. P. 837.

<sup>10</sup> MORUS, Thomas. In: MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política: livro I. Volume I.* Tadução de Regina Sant’Anna. 27.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. P. 841.

<sup>11</sup> CHAPLIN, Charles. *Tempos Modernos.* Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936.



As entrevistas gravadas no dia 23 de fevereiro de 2016 com a equipe da Associação dos Leigos Acolhedores de Cristo – ALAC/Centro de Apoio ao Migrante, na cidade de São Gabriel do Oeste, e a entrevista e no dia 24 de fevereiro de 2016 com a responsável pela Comunidade Kolping/Casa de Passagem da cidade de Coxim, denotam uma necessidade de atender pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e ausência de residência, “[...] que estejam em trânsito e sem condições de auto-sustento e que buscam acolhimento provisório[...]”. São os “redundantes” do progresso que chegou a estas regiões.

A fala de Andreia Soares Flores, presidente da casa de passagem de Coxim “[...]. Quando chega aqui pra gente normalmente o primeiro direito violado dessas pessoas é a saúde, e a falta de emprego ou desestabilidade.”<sup>12</sup>, pode ser lida em interface com a forma como Mia Couto tratou da miséria humana, em “Terra Sonâmbula”<sup>13</sup>, o autor moçambicano nos possibilita vivenciar uma Moçambique assolada por guerras civis, na qual dois personagens migram por espaços ora reais, ora imaginários em que a paisagem transformada pela nova configuração política do lugar é negadora de vida,

[...] A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.<sup>14</sup>

As pessoas que atravessam o estado de Mato Grosso do Sul pelo trajeto da Rodovia BR 163, também encontram experiência de morte, em lugar do sonho de um emprego que lhe garanta a humanidade, são as casas de passagem que possibilitam as condições básicas para a continuidade da viagem. Passando pelos “desertos verdes”, entre o período em que a soja começa a germinar até a fase de amadurecimento da planta, quando a paisagem se torna ainda mais desoladora, a vegetação fica marrom e nestes campos as grandes máquinas colhedoras ocupam o cenário, de um cultivo que vai para os armazéns locais, que estocam uma produção que não serve para alimentar o coletivo, mas garante a manutenção de um formato produtivo cada vez mais segregador.

Os dados da pesquisa Mensal de Emprego do IBGE produzem indicadores mensais sobre a força de trabalho que permitem avaliar as flutuações e a tendência, a médio e a longo prazos, no mercado de trabalho, entretanto não recorremos a tais indicadores, considerando

<sup>12</sup> Entrevista concedida no dia 24 de fevereiro de 2016.

<sup>13</sup> COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

<sup>14</sup> COUTO, Mia. *Idem*. P. 02.



que a abrangência geográfica se refere às Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre<sup>15</sup>.

A problemática do desemprego atravessa o período de vigência do estabelecimento de uma cultura do capital, o advento das máquinas, inseridas no processo produtivo provocou condições distintas de vida para trabalhadores no campo e na cidade,

Aplicadas à agricultura, a cooperação e a concentração em poucas mãos dos instrumentos de trabalho provocaram transformações grandes, súbitas e violentas no modo de produção e, conseqüentemente, nas condições de vida e nas possibilidades de trabalho da população rural, em muitos países e bem antes do período da indústria moderna.<sup>16</sup>

O episódio do cercamento dos campos ingleses com a substituição dos homens por ovelhas, cena que inicia o já referido filme “Tempos Modernos”, que se utiliza da ficção para discutir os efeitos da revolução industrial na vida do trabalhador, com a modificação do sistema produtivo que deixou de ser artesanal e passou para a produção de mercadorias em série. Neste novo formato produtivo imperava a total sujeição do trabalhador em que o ritmo de produção não levava em conta as condições físicas e psicológicas do trabalhador e sem a produção de lucro resultante do processo produtivo.

A referida produção cinematográfica é uma leitura da obra de Marx, que entende o cercamento dos campos ingleses como o mecanismo para a constituição das grandes propriedades na Inglaterra. A leitura que Chaplin fez da problemática da inserção tecnológica no processo de produção, aponta para a competição entre o trabalhador e a máquina, cujas conseqüências foram apontadas por Marx,

A História não oferece nenhum espetáculo mais horrendo que a extinção progressiva dos tecelões manuais ingleses, arrastando-se durante decênios e consumindo-se finalmente em 1838. Muitos deles morreram de fome; muitos vegetaram por longos anos com suas famílias, com uma renda de  $2\frac{1}{2}$  pence por dia.<sup>17</sup>

Os mecanismos criados durante o século XIX para atender essa população de desabrigados mostram as permanências históricas se comparados com as casas de passagem do Norte de Mato Grosso do Sul, “[...] A competição entre a tecelagem a mão e a tecelagem a máquina prolongou-se na Inglaterra, antes de introduzir-se a nova lei de assistência à pobreza

---

<sup>15</sup> Informações disponíveis em:

<http://www.asdfree.com/search/label/pesquisa%20mensal%20de%20emprego%20%28pme%29>.

<sup>16</sup> MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*: livro I. Volume I. Tradução de Regina Sant’Anna. 27.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. P. 490.

<sup>17</sup> MARX, Karl. Idem. P. 491.



de 1834, porque se completava com subsídios paroquiais os salários que caíam muito abaixo do mínimo.”<sup>18</sup>

Entre 1852 e 1862, houve considerável aumento na fabricação inglesa de lã, enquanto o número de trabalhadores empregados ficou quase estacionário<sup>19</sup>. As narrativas de redução dos postos de trabalho ao longo do século XIX, podem ser confundidas com as mesmas narrativas na contemporaneidade, Na nota 228 do volume I de “O Capital”, Marx trata de uma pergunta que o inspetor Redgrave havia feito no ano de 1871, a um fabricante que havia ministrado uma palestra em Bradford e a resposta do fabricante teria sido “[...] No velho sistema, eu empregava 63 pessoas; depois de introduzir maquinaria aperfeiçoada, consegui reduzi-las para 33, e, recentemente, em virtude de novas e extensas modificações, pude diminuí-las de 33 para 13”<sup>20</sup>.

É possível notar permanências históricas analisando a fala do Superintendente da Usina Sonora, empresa agrícola situada no município de Sonora, um dos cinco da região Norte de Mato Grosso do Sul. A fala de Cleiton Jarbas Valeis de que “[...] hoje trabalhando no processo produtivo da usina nós temos 700 pessoas mais ou menos. Mas nós chegamos a ter 2.800”<sup>21</sup>, revela que a cultura do capital possui permanências do ponto de vista de sua historicidade.

Contrariando a assertiva de Marx de que “A História não oferece nenhum espetáculo mais horrendo que a extinção progressiva dos tecelões manuais ingleses”, o movimento histórico, que sustenta o campo de experiência, possível pela passagem do tempo histórico, permite-nos perceber que os espetáculos horrendos que afetam as trajetórias humanas são atuais, intensificaram-se com os mecanismos de reorganização da cultura do capital, atravessaram o período de produção da obra “O Capital” e chegaram à contemporaneidade. As narrativas de trabalhadores que passam pelas casas de passagem da região Norte de Mato Grosso do Sul, diariamente apontam para a recorrência de um espetáculo de negação humana, ainda muito atual.

Estes são os motivadores da movimentação de pessoas em busca de territórios que comportem seus sonhos de mudanças, de garantia da dignidade, os sonhos permeiam os ideais, mas são as condições materiais em última instância que motivam o movimento. A

---

<sup>18</sup> MARX, Karl. Idem. P. 491, nota 198.

<sup>19</sup> MARX, Karl. Idem. P. 510.

<sup>20</sup> MARX, Karl. Idem. P. 511, nota 228.

<sup>21</sup> Entrevista concedida em 22 de fevereiro de 2016.



busca pela sobrevivência alimenta os sonhos de pessoas que passam diariamente pelas duas casas de passagem do Norte de Mato Grosso do Sul.

O caminho que percorremos é o mesmo trajeto dos migrantes, a ponte sobre o Rio Corrente tantas vezes atravessadas durante o percurso da pesquisa realizada durante o Doutorado em História, permite olhar para o cenário do qual nos ocupamos, a visão exuberante do rio cheio pela ação da barragem construída ao longo de sua trajetória. Seguindo o traçado da Rodovia BR 163 vamos adentrando o território marcado pelo discurso do progresso, buscando por meio das narrativas ouvidas ao longo da pesquisa, entender quem são as pessoas, personagens históricas que passam por este território, mas não se fixam, “[...] meu nome ... Raimundo. Saí do Maranhão já tem muito tempo. Saí procurando emprego e aí fiquei nessa situação. A pessoa que não tem trabalho não é gente”<sup>22</sup>.

É para trabalhar com essas pessoas que se veem sem humanidade que as Casas de Passagem foram sendo criadas, a Associação dos Leigos Acolhedores de Cristo/Centro de Apoio ao Migrante, começou como Centro de Apoio. Passou a ser Casa de Passagem que se destinaria ao atendimento emergencial, no intuito de suprir as necessidades básicas das pessoas que buscavam aquele espaço.

Eles chegam até a instituição são recebidos por um profissional treinado para recebê-los. Funciona de domingo a domingo então é um serviço que não para. É feito a acolhida do usuário no serviço público normalmente são migrantes que vem de todos os lugares do Brasil e até do exterior por conta do município ser cortado pela BR-163. Temos um fluxo bastante grande nossa capacidade hoje é de 175 atendimentos mês, mas janeiro e fevereiro já está se concretizando em janeiro a gente teve 200 atendimentos já passou do limite. E em fevereiro agora eu já contei até hoje de manhã já estava em 145 atendimentos antes do almoço antes de fechar o mês.<sup>23</sup>

O número de atendimentos realizados foi apontado pela presidente do Centro de Apoio ao Migrante, Soraia Krun como sendo resultante da falta de emprego que também é responsável pela quebra de vínculos com a família. O trabalho de pesquisa no arquivo da instituição, permitiu constatar que entre a população que já passou pela instituição, a baixa escolaridade e o desemprego são condições determinantes dessas populações.

O nosso público geralmente vem dessa origem do Desemprego do abandono familiar que resulta na falta de oportunidade, por não ter o lugar onde residir aí eles começam essa migração de município e

---

<sup>22</sup> ARAÚJO, Raimundo. Entrevista concedida em 24 de fevereiro de 2015, na Casa de Passagem São Francisco das Chagas.

<sup>23</sup> KRUN, Soraia. Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2016.



município atrás de uma oportunidade. O grande problema é que neste período eles acabam buscando meios de conforto de ajuda que acabam sendo às vezes bebidas drogas então a gente tem um problema muito sério com os nossos migrantes que passam por aqui a maioria deles vem com esse problema de alcoolismo ou drogadição.<sup>24</sup>

As fichas organizadas em arquivo pela instituição, tem o objetivo de coletar o maior número de informações possível em relação à família, endereço correlacionado dos migrantes com parentes. Os funcionários verificam a documentação e fazem um questionário para saber onde pretendem chegar.

A atuação das casas de passagem minimiza a tragédia humana dessas populações, não alterando a condição social da maioria deles, a documentação consultada permitiu perceber que se tratam de pessoas que migram do Nordeste, que em geral, querem migrar para Mato Grosso, pela ilusão de que há serviços na lavoura. A chegada ao Norte de Mato Grosso do Sul se explica pela procura de emprego na suinocultura em São Gabriel do Oeste e no corte da cana de açúcar em Sonora. Buscam ainda atividades como construção de cercas, uma das questões que a documentação nos permitiu deduzir foi que a submissão se deve, em geral à baixa escolarização. Muitas são as ilusões que alimentam a viagem,

Aqui por exemplo tem a questão do frigorífico eles vem numa ilusão, mas como tem que estar muito bem documentado então a maioria acaba vindo e se frustrando. Outra questão porque tem que começar por exemplo com comprovante de residência. Por mais que eles possam usar o nosso endereço como referência vai se instalar um Centro de Apoio ao migrante. Já sabe que não tem moradia fixa então acaba sendo um empecilho pra eles. Até nós tínhamos um problema em tirar o boletim de ocorrência nós temos um encaminhamento pronto pra retirada do boletim de ocorrência pela dificuldade porque a maioria acaba utilizando boletim de ocorrência como documentação. É muito comum perderem a documentação então a gente acabou fazendo um documento nosso até pra viajar de ônibus.<sup>25</sup>

A prática de conceder passagens para a população migrante em condição de rua foi institucionalizada nos municípios, sendo que o Centro de Referência Especializado em Assistência Social – CREAS, passou a ser o órgão responsável pela licitação para a compra de passagens. “[...]Nós aqui fornecemos as passagens também até a próxima cidade ou dependendo no caso já retorno à família o caso de doença agente encaminha pra assistente

---

<sup>24</sup> KRUN, Soraia. Idem.

<sup>25</sup> KRUN, Soraia. Idem.



social e aí ela coloca o parecer nosso aqui então muitas vezes se consegue articulação com a secretaria de assistência social da prefeitura.”<sup>26</sup>

A consulta ao livro contendo as informações com dados de origem e destino da população atendida, e os lançamentos de doação de passagens nos últimos quatro anos, aponta que um número muito pequeno dessas pessoas fica no município, inseridas pelo trabalho, a maioria recebeu passagens para continuar a viagem.

Aqui nós temos duas empresas que são licitadas pela prefeitura Andorinha e a Mota e o nosso único problema com a Andorinha é que ela exige documento com foto ou boletim de ocorrência. Até este ano em conversa com a gestora da assistência nós estamos tentando articular pra ter uma carteirinha da própria assistência documento com foto assim eles poderiam viajar tranquilo porque sabem que foi feito atendimento aqui é uma forma de documento pra coletar as informações. Quem tiver acesso a carteirinha vai poder ligar aqui e tirar informações do usuário. É um instrumento a mais pra eles poder ter acesso a todas as políticas públicas que muitas vezes eles não têm por estarem nessa situação.<sup>27</sup>

Conversamos com dez migrantes sendo seis entrevistados no Centro de Apoio ao Migrante em São Gabriel do Oeste quatro na Unidade de Passagem São Francisco das Chagas em Coxim, em geral as narrativas são muito breves, não há interesse de falar de si, a auto representação, diz muito acerca dos preconceitos com os quais se deparam cotidianamente, “[...] eu cheguei aqui muito doente, mas quando me mandaram pro hospital o médico não quis me atender porque eu tava sujo e bêbado”<sup>28</sup>. O Centro de Apoio ao Migrante de São Gabriel do Oeste foi fundado por padres, porque a igreja católica era o lugar que a população desassistida buscava como espaço de apoio, a presidente da associação ressalta que o que acontece ali não é assistencialismo e sim política pública. Interessante notar que o poder público considera fazer assistência social ao financiar minimamente associações como ALAC e Comunidade Kolping, quando são espaços com pouco financiamento público e que trabalham com doações da sociedade,

[...] instituição hoje ela é mantida por convênio municipal e convênio Estadual além de algumas pessoas alguns comércios do município que contribuem. Por exemplo, alguns pagam uma conta de água outros pagam a conta de luz além de doações mínimas, mas que existem por exemplo, na conta de água que os padrinhos pagam e promoções. Porque sem elas não tem como sobreviver porque é uma instituição sem fins lucrativos.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> KRUN, Sorais. Ibidem.

<sup>27</sup> KRUN, Soraia. Ibidem.

<sup>28</sup> DEUS, João Henrique de. Entrevista [23 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

<sup>29</sup> KRUN, Soraia. Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2016.



Mesmo quando os projetos de investimento são aprovados pelo poder público, o orçamento não paga as despesas. Além da sociedade civil, Organizações não Governamentais – ONGs, são responsáveis pela manutenção financeira desses espaços.

A localização das duas casas de passagem pesquisadas são pontos estratégicos para o atendimento ao migrante, “[...] quando cheguei na rodoviária o moço que trabalha na Andorinha me mostrou onde eu podia encontrar um lugar pra ficar, comer, dormir, antes de seguir viagem, foi fácil achar!”<sup>30</sup>

Os relatos de trabalho escravo também são recorrentes, e atingem a população com baixa qualificação profissional, pouco escolaridade e desempregada, “[...] eu fiquei 20 anos na fazenda, trabalhava e não ganhava nada”, Gilberto Luis da Silva foi resgatado em uma fazenda no Mato Grosso do Sul há cinco anos, não é normal que os migrantes permaneçam por muito tempo na casa de passagem mas com Gilberto a situação foi diferente, trabalha na casa até hoje e ajuda no trabalho que permite servir quatro refeições diariamente e manter um ambiente para pouso, compõe a equipe de 09 funcionários que trabalham no Centro de Apoio ao Migrante de São Gabriel do Oeste.

A chegada de população egressa da escravidão contemporânea nas casas de passagem na região é recorrente,

[...] aqui na região Norte que eu posso falar e a gente até conseguiu diminuir um pouco por conta da nossa atuação mesmo e por isso até sofremos ameaça diz respeito à questão das carvoarias. É desumano o tratamento lá, as condições de trabalho. Lá tem muita essa questão de bebidas e drogas para manter o trabalhador nas carvoarias que mantém o sistema de escravidão por dívida. O salário fica lá. Trazem o trabalhador toda semana e deixam na cidade pra não correr dia de trabalho no final de semana e aí deixa um crédito no bar pra ele beber. Busca na segunda ou terça-feira e leva de volta pra trabalhar. Tinha muito essa situação até em parceria com fórum a gente conseguiu pontuar teve duas que desativaram em São Gabriel uma está até no registro nacional da triagem que eles fazem, outra que desativou também disse que era muita exigência que nem uma empresa teria. Nosso trabalho foi importante pra controlar um pouco, mas ainda existe registro desse sistema de trabalho. Irregular bem escondido mas tem.<sup>31</sup>

O vício aparece com um facilitador do agenciamento, como mostra a narrativa de Carlos Roberto dos Anjos, de que recebeu apoio da Casa de Passagem que acional o CRAS e o CREAS, conseguiu um encaminhamento ao hospital e ficou um mês fazendo tratamento,

---

<sup>30</sup> NASCIMENTO, Josias do. Entrevista [23 de março de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

<sup>31</sup> KRUN, Soraia. Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2016.



“[...] aí veio um desespero, uma vontade muito grande de beber e eu voltei pra rua, o patrão veio me buscar e levou de volta pra carvoaria”.<sup>32</sup>

O trabalho com esta população envolve questões da complexidade do humano que é “[...] a um só tempo, plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária. (...) Exprime, de maneira hipertrofiada, as qualidades egocêntricas e altruístas do indivíduo (...) o *Homo Sapiens* é também *Homo Demens*.”<sup>33</sup> Ao narrar a reinserção familiar, Soraia Krun, nos permite vislumbrar essa complexidade do humano de que trata Morin, “[...] a família tinha condições financeiras, mas mesmo assim ele foi explorado e devolvido para as ruas”.<sup>34</sup>

Dentre as narrativas também aparecem os casos de sucesso da atuação das Casas de Passagem, aliás elas são fundamentais para justificar o trabalho realizado nesses espaços, “[...] teve senhor que esteve conosco que saiu do presídio ele era caminhoneiro teve uma questão e ele acabou matando uma pessoa e ficou preso. E a gente retornou o benefício e ajudou a montar a casinha e aí está inserido na sociedade hoje.”<sup>35</sup>

Os benefícios aos quais Soraia Krun se referem dizem respeito ao Seguro Desemprego<sup>36</sup>, benefício temporário que com a intervenção da Casa de Passagem é pago a uma parcela bastante pequena desta população, lembrando que a maioria não permanece na cidade e têm sua viagem custeada por passagens pagas pela prefeitura.

São inúmeras as situações que caracterizam o trabalho feito por essas associações como de alta complexidade “[...] em cada dia é uma história diferente uma história de negação diferente.”<sup>37</sup>

Um dos muitos relatos ouvidos se trata de uma família toda em situação de rua, o que chamou atenção da presidente da ALAC foi o cuidado da mãe com os filhos,

<sup>32</sup> ANJOS, Carlos Roberto dos. Entrevista [25 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

<sup>33</sup> MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Janne Sawaya. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília:UNESCO, 2011. P. 47).

<sup>34</sup> KRUN, Soraia. Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2016.

<sup>35</sup> KRUN, Soraia. Idem.

<sup>36</sup> Garantido pelo art.7º dos Direitos Sociais da Constituição Federal e tem por finalidade prover assistência financeira temporária ao trabalhador dispensado involuntariamente. No Brasil, foi introduzido no ano de 1986 e, após a Constituição de 1988, passou a integrar o Programa do Seguro-Desemprego, criado com o objetivo de prover assistência financeira temporária ao trabalhador desempregado em virtude de dispensa sem justa causa, mas também auxiliar o trabalhador na manutenção e busca de emprego, por meio de ações integradas de intermediação de mão-de-obra e qualificação profissional. A instituição do Programa, por intermédio da Lei n.º 7.998/90, definiu também a sua fonte de custeio, o Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, o que permitiu a criação de critérios de concessão mais acessíveis aos trabalhadores e mudanças substanciais nas normas para o cálculo dos valores. Informações disponíveis em: <http://ces.ibge.gov.br/base-dedados/metadados/mte/seguro-desemprego.htmlbases> de dados»metadados»MTE».

<sup>37</sup> KRUN, Soraia. Ibidem.



[...] um capricho dela com as crianças assim maravilhoso. Agora ele está trabalhando, a gente tinha conseguido aqui por causa da escola das crianças, mas ele tem um sistema de educação muito rígido e eles estavam nessa situação mesmo pela falta de emprego oportunidade mesmo. Ela uma mãe primorosa cozinha bem, já veio até trazer frango caipira isso é o reconhecimento deles estava naquela situação por falta de oportunidade.<sup>38</sup>

Eis onde a formação territorial elitista e excludente nos levou, um regime democrático onde trabalhadores se tornam marginalizados por falta da condição mínima de existência pela negação do trabalho, [...] meu irmão morreu nas ruas, meu pai bebia muito, minha mãe acabou bebendo também, meu pai morreu na sarjeta e minha mãe acabou morrendo com câncer [...].<sup>39</sup>

A análise das fichas contendo informações sobre o lugar “de onde vem” e “para onde vai”, mostram grande reincidência de populações que vêm de Mato Grosso e para lá voltam, mostram que as casas de passagem recebem uma população que já passou por ali mais de uma vez, o que denuncia uma situação de transitoriedade de um fluxo. Migram em busca de emprego, mas ao empreenderem tal busca mergulham em novas degradações humanas como uso de álcool e entorpecentes, “[...] vai alguém pedir um emprego pra você embriagado ou sob efeito de entorpecente, como que você vai empregar, mesmo que esteja precisando (...) Na minha opinião é muito mais que a questão do desemprego é uma necessidade de humanização.”<sup>40</sup>

O ciclo de desumanização é alimentado pela tentativa de emprego, ao não conseguir cai no vício e já não consegue mais voltar para casa. O sucesso é o que motiva a migração, como não é alcançado, a vergonha impede o retorno e o mantém no caminho,

[...] a pobreza não é um pecado, é a verdade. Sei também que a embriaguez não é nenhuma virtude. Mas a miséria, meu senhor, a miséria... essa sim, essa é pecado. Na pobreza ainda se conserva a nobreza dos sentimentos inatos; na miséria não há nem nunca houve nada que os conserve. A um homem na miséria quase que o correm a paulada; afugentam-no a vassouradas da companhia dos seus semelhantes [...].<sup>41</sup>

<sup>38</sup> KRUN, Soraia. Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2016.

<sup>39</sup> COUTINHO, Paulo Oliveira. Entrevista [25 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa

<sup>40</sup> KRUN, Soraia. Entrevista concedida em 23 de fevereiro do 2016.

<sup>41</sup> DOSTOIEVSKY, Fiodor. *Crime e Castigo*. Tração de Carlos Heitor Cony. 3.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. P. 256.



Essa população de “redundantes” é decorrente da cultura do capital e além de ser objeto dos estudos históricos foi tratada na literatura, como na famosa obra de Victor Hugo “Os Miseráveis”<sup>42</sup>, que ao se propor uma narrativa sobre a tragédia humana com personagens como Jean Valjean, discute lugares sociais que são atribuídos a diferentes grupos sociais ao longo da história.

A visita à Comunidade Kolping de Silviolândia/Unidade de Passagem São Francisco das Chagas, na cidade de Coxim, nos colocou em contato com protagonistas das mesmas narrativas ouvidas em São Gabriel do Oeste. O perfume do feijão cozinhando que tomava o lugar no horário de nossa chegada, representa a única possibilidade alimentar que aquela população de passagem terá ao longo do dia. O cheiro do alimento misturado aos vários perfumes de corpos migrantes com poucas perspectivas de vida. Aquele espaço se apresenta como *locus* de recarga das energias para dar continuidade à viagem, em direção ao incerto, ao duvidoso, frente à negação de espaços para existência e dignidade. As casas de passagem garantem a manutenção da vida, logo a permanência dos sonhos.

Enquanto conversávamos com uma mulher que estava na casa de passagem havia uma semana, com quatro filhos aguardando o ônibus que sairia naquele dia às 23:00h que a levaria à cidade de Nova Mutum em Mato Grosso onde mora a irmã, a televisão ligada no canal local transmitia a reportagem sobre a operação “Lava Jato” e a notícia de desvio de 59 Milhões de Reais em dinheiro público, além da declaração de desvio de 7 Milhões de Reais feito pelo marqueteiro João Santana, que havia sido preso ao longo daquela semana, ouvimos de um dos moradores que estavam por ali à espera do almoço “[...] meu Deus! Sete milhões e nós não temos um real, sete milhões e nós dormindo na rua”.

A presidente da “Comunidade Kolping” desde junho de 2014, Andreia Flores, relatou o histórico da casa, construída por uma instituição da sociedade civil em parceria com o município de Coxim, atende pessoas em situação de rua e vulnerabilidade, que migram de outros municípios em busca de emprego. O perfil da população também é bastante similar àquela recebida pelo “Centro de Apoio ao Migrante” de São Gabriel do Oeste,

[...] fazemos a entrevista aí a gente fornece pra ele todo o material de higiene básica (...) e quando tem alguma pessoa com problema de doença alguma coisa que a gente vê assim que não está certo aí encaminhamos pro hospital. Nós temos assistente social do Hospital Regional e ainda uma assistente social dentro de uma unidade de saúde aqui. **Quando chega aqui pra gente normalmente o primeiro direito violado dessas**

<sup>42</sup> CHANOIS, Jean-Paul. *Os Miseráveis*. Direção de Jean-Paul Chanois. Alemanha, França, Itália, 1958.



**peças é a saúde, e a falta de emprego ou desestabilidade.** Tem um ponto muito forte que a gente vê aqui de muitas das pessoas que a gente recebe que é o problema do álcool e da droga (...). Este é o nosso maior público pessoas que tem problema com álcool e que usam drogas.<sup>43</sup>

O poder público participa da vida dessas populações por meio de pequenas doações, aliada ao financiamento via comércio. Outra forma de presença do Estado na vida dos migrantes acontece por meio da disponibilização de passagens para seguir viagem, por mais que a presidente da unidade de passagem afirma que não há interesse em mandar o que chama de “problema” para outros municípios, ao longo da entrevista o mecanismo de compra de passagem apareceu como uma prática recorrente.

O desemprego é o caminho para o descarte de pessoas, está posta a contradição, em uma sociedade fundada no discurso do trabalho, que classificava o emprego como uma chave a batalha posta pela contemporaneidade é contra a carência de postos de trabalho. Em Coxim, as medidas são paliativas, por meio da Unidade de Passagem o migrante que permanece na cidade, pode acessar atividades de cunho informal como auxiliar de pedreiro ou de pintor, ou no plantio de eucalipto, ou no ensacamento do carvão. Em geral trabalho temporário, que em última instância, possibilita os recursos para manutenção dos vícios de álcool e de outros entorpecentes.

Essas pessoas se tornaram redundantes, “[...] Ser ‘redundante’ significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso (...). ‘Redundância’ compartilha o espaço semântico de ‘rejeitos’, ‘dejeito’, ‘lixo’ – com refugo”<sup>44</sup>. São decorrências da transição de uma sociedade de produtores para a sociedade de consumidores, em que a tecnificação proporcionou que se ampliasse a produção de mercadorias, mas em consequência, eliminasse os postos de trabalho. Ser desempregado na sociedade de produtores podia tornar o trabalhador um desgraçado, miserável, mas seu lugar era seguro e inquestionável. Porém a nova modalidade dos desempregados se insere em uma categoria denominada por Bauman de “Consumidores falhos”, estes perderam a segurança de um lugar,

[...] O progresso era apregoado sob o slogan de mais felicidade para um número maior de pessoas. Mas talvez o progresso, marca registrada da era moderna, tivesse a ver, em última instância, com a necessidade de menos (e cada vez menos) pessoas para manter o movimento, acelerar e atingir o topo, o que antes exigiria uma massa bem maior para negociar, invadir e conquistar.<sup>45</sup>

<sup>43</sup> FLORES, Andreia. Entrevista concedida em 24 de fevereiro de 2016. Grifos nossos.

<sup>44</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. P. 20.

<sup>45</sup> BAUMAN, Zygmunt. Idem. P. 24.



A ação das unidades de passagem não altera o quadro e a pouca participação do Estado no seu financiamento se constituem em “[...] esmolas fornecidas pelo Estado, reguladas pelo Estado ou por ele promovidas e testadas em relação ao meio [...]”<sup>46</sup>

A analogia entre produção de excedentes de trabalhadores e geração de lixo humano, é chocante, mas os relatos de moradores em condição de trânsito e de rua, mostram que o olhar a eles dirigidos pelas outras pessoas é de estranhamento e mesmo de repulsa, como o comportamento diante de rejeitos, “[...] eu vim do Pernambuco, da cidade de Barreiros. (...) eu tinha uma roça, mas me separei da família e vim pra cá. Hoje tô sozinho, (...) sô tratado como lixo [...]”<sup>47</sup>. Em geral esta população encontrada pelas cidades, nas praças, ruas, rodoviárias são alvo de estranhamento.

O trabalho feito pelas Unidades de Passagem, minimizam esse estranhamento ao proporcionar a humanização promovida pela alimentação e a higiene pessoal, constituem-se em possibilidades para acessar empregos temporários nas cidades e nas fazendas,

Então a gente liga e diz que tem gente, tem uma pessoa com esse perfil para atender diárias. Só que quando a pessoa vem aqui já sabe que vai encontrar um morador apresentável. Ontem por exemplo, foram 5 pessoas que foram levados pro trabalho na fazenda mas porque tava apresentável, sem aquele aspecto de rua de morador de rua que assusta. Porque é a aparência que dá impressão aquela primeira impressão de que você não é nada você não me serve.<sup>48</sup>

Entre os meses de julho e dezembro de 2015 foram atendidas 483 pessoas na Unidade de Passagem São Francisco das Chagas, para as quais foram servidas 5.379 refeições entre café da manhã, almoço, jantar e marmitas e foram doadas 184 passagens (dados produzidos com base na documentação do arquivo da Unidade de Passagem). A analogia com as discussões feitas por Bauman, torna possível comparar as unidades de passagem ao espaço que cuida do lixo humano que a sociedade do consumo produziu, “[...] O refugo é o segredo sombrio e vergonhoso de toda produção. De preferência permaneceria como segredo. (...) a fronteira que separa o ‘produto útil’ do ‘refugo’ é uma zona cinzenta: um reino de indefinição, da incerteza – e do perigo.”<sup>49</sup>

<sup>46</sup> BAUMAN, Zygmunt. Idem. P. 21.

<sup>47</sup> LIMA, Mario Ferreira de. Entrevista [24 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

<sup>48</sup> FLORES, Andreia. Entrevista concedida em 24 de fevereiro de 2016.

<sup>49</sup> BAUMAN, Zygmunt. Idem. P. 38-39.



A casa durante o mês de janeiro, esteve com população máxima, “[...]essa noite eu tive que dispensar duas pessoas porque não tinha espaço na casa, não tinha onde colocar. Hoje nós temos 23 pessoas aqui fora as marmitas que nós fornecemos no portão porque não cabe na casa, nós temos 20 colchões só [...]”.<sup>50</sup>

O relato de escravidão contemporânea também apareceu na Unidade de Passagem do município de Coxim, em 2014, após fiscalização da Polícia Federal em uma fazenda do município, foram liberados 20 trabalhadores, de acordo com a presidente da unidade é a única situação de que tem conhecimento. Em geral as diárias em fazendas não se caracterizam como escravidão contemporânea, porque é comum trabalharem 15 ou 20 dias ganharem o dinheiro para pagar a cachaça e as drogas e voltarem para a cidade. Dificilmente ficam nas fazendas mais que este período. De acordo com Andreia Flores os relatos trazidos são de realização de atividade na construção de cercas e no roçado, mas nenhuma experiência de escravidão.

A migração que constitui essas trajetórias humanas pode ser ouvida nos relatos do migrante e na documentação produzida pelas Unidades de Passagem, a maioria são nordestinos, transeuntes entre os estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, “[...] eu? (demonstração de surpresa em ver alguém interessado em sua trajetória) Vim de Balsas no Maranhão. (Interrompe a narrativa). Aqui no Mato Grosso do Sul já fui em Alcinópolis, São Gabriel, Coxim e Sonora.”<sup>51</sup> Como o retorno dos migrantes é recorrente, foi imposta uma regra de só conceder passagens a cada três meses “[...] porque se eu for dar uma passagem pra cada um por semana, aí eu não consigo”.<sup>52</sup>

O trabalho com essas narrativas permite historicizar um movimento iniciado no século XVIII com a Revolução Industrial, que promoveu o refinamento das técnicas produtivas, o aumento da produção e em contrapartida reduziu os postos de trabalho. Na contemporaneidade o formato agrícola no estado de Mato Grosso do Sul, concentra-se em torno da produção para o agronegócio, em grandes propriedades agrícolas, altamente tecnificadas, cuja utilização de mão de obra é bastante baixa.

É preciso destacar o papel do Estado como financiador da grande propriedade rural, especialmente no período pós 1970, quando os projetos de desenvolvimento para a região resultaram em financiamento de grandes extensões territoriais. A lógica do acesso a terra na região foi de restrição, ao trabalhador descapitalizado restou a possibilidade de venda da força

<sup>50</sup> FLORES, Andreia. Entrevista concedida em 24 de fevereiro de 2016.

<sup>51</sup> PINTO, Marcos Barros. Entrevista [24 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

<sup>52</sup> FLORES, Andreia. Entrevista concedida em 24 de fevereiro de 2016.



de trabalho. O que esta narrativa buscou apontar foi a lógica modernizadora que formatou a propriedade rural na região promoveu a exclusão humana.

### 3. Considerações Finais

Esses personagens em trânsito, desterritorializados que aqui observamos a partir de uma historicidade da exclusão, proporcionada por certo formato de propriedade dinamizado no Brasil após 1970, são pessoas cuja existência foi negada, pessoas assistidas pelas Unidades de Passagem que são instituição não governamentais, com pouco recurso dos governos municipal, estadual e federal, espaços nos quais o trabalho de assistência dá condições de humanidade a essas pessoas.

Essas trajetórias dizem muito do que foram os projetos de desenvolvimento pensados para a região, que resultaram na produção de discursos da prosperidade e da produtividade, que reforçam a ideia de que o Norte de Mato Grosso do Sul é uma região altamente produtiva, de grãos e de biocombustível. Mas o paradoxo é humano e diz respeito à inserção humana neste processo, que apresenta duas pontas, de um lado o grande produtor capitalizado e de outro a população migrante que denuncia a falácia do progresso.

A ideia é dar visibilidade a esse paradoxo, que a realidade das casas de passagem torna explícita. A documentação com a qual trabalhamos, sejam os relatos orais, os arquivos consultados e o material acessado nos ambientes virtuais permite ver que a produção de lixo humano é real ela existe. E coloca a questão essencial para as próximas gerações ainda pensando no “horizonte de expectativa”, que constitui esta narrativa.

### 4. Fontes e Referências

#### 4.1. Referência Bibliográfica

- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.
- DOSTOIEVSKY, Fiodor. *Crime e Castigo*. Tração de Carlos Heitor Cony. 3.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução de Luciana Villas-Boas Catelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política: livro I. Volume I*. Tadução de Regina Sant'Anna. 27.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.



MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Janne Sawaya. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília:UNESCO, 2011.

## 4.2. Entrevistas

ANJOS, Carlos Roberto dos. Entrevista [25 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

ARAÚJO, Raimundo da Silva. Entrevista [24 de Fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

CHAGAS, José Francisco das. Entrevista [28 de Fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

COUTINHO, Paulo Oliveira. Entrevista [25 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa

DEUS, João Henrique de. Entrevista [23 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

KRUN, Sorai. Entrevista [23 de fevereiro de 2016]. Entrevistadores: Beatriz dos Santos de Oliveira e Cleber Alves Feitosa.

LIMA, Mario Ferreira de. Entrevista [24 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

NASCIMENTO, Josias do. Entrevista [23 de março de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

PINTO, Marcos Barros. Entrevista [24 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

SILVA, Gilberto Luis da. Entrevista [24 de fevereiro de 2016].

SOUZA, Francineide Silva. [28 de fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

VALEIS, Cleiton Jarbas. Entrevista. [22 de Fevereiro de 2016]. Entrevistadora: Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa e Cleber Alves Feitosa.

## 4.3. Outras Fontes

CHANOIS, Jean-Paul. *Os Miseráveis*. Direção de Jean-Paul Chanois. Alemanha, França, Itália, 1958.

CHAPLIN, Charles. *Tempos Modernos*. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936.  
Estatísticas do meio rural 2010-2011. 4.ed. / Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural; Ministério do Desenvolvimento Agrário. -- São Paulo: DIEESE; NEAD; MDA, 2011

NASCIMENTO, Milton; BORGES, Lô. *Clube de Esquina*. Emi-Odeon, 1972.